

# Estátua sedente e cabeça de guerreiro galaico da região de Braga<sup>1</sup>

Ana M. S. BETTENCOURT<sup>2</sup>

Helena Paula Abreu de CARVALHO<sup>3</sup>

## 1. INTRODUÇÃO

As peças que agora publicamos foram encontradas na Av. da Imaculada Conceição (freguesia da Cidade, Braga), em finais dos anos setenta, na altura em que se procedia a um aterro para a construção de uma oficina<sup>4</sup>. O sítio corresponde à encosta sudeste da colina de Maximinos, a cerca de 300m da margem direita do rio Este e apresenta as seguintes coordenadas Gauss: M = 175,8; P = 508,5; cota = 160m. (C. M. P., esc. 1/25 000, nº 70) (Est. I e II).

A existência de uma nascente no local, juntamente com algumas características dos achados, permite supor uma reutilização das peças como fontanário. De facto, ambos os fragmentos apresentam vestígios de implantação de uma tubagem em ferro tendo-se para isso escavado uma cavidade semi-circular na zona posterior da estátua sedente, onde passaria o tubo e destruído a zona inferior da cabeça, que serviria de boca de fonte. Apesar de encontradas juntas, as peças correspondem, seguramente, a duas estátuas diferentes, facto que é facilmente comprovável pelos diferentes diâmetros das suas zonas de encaixe. As dimensões da cabeça são consideravelmente maiores, possuindo o pescoço um diâmetro bastante diferente do da zona superior da estátua citada (Est. III).

O aparecimento destes achados reveste-se de alguma importância dada a raridade de peças conhecidas, quer de um quer de outro tipo. No que diz respeito às estátuas sedentes conheciam-se, até à data, três exemplares: dois encontrados em Xinzo de Limia (Ourense) e um outro proveniente do Castro de Lanhoso (Póvoa de Lanhoso). Em ambos os casos as peças apareceram em contextos romanos ou de romanização.

Da totalidade de estátuas de guerreiros conhecidas apenas quatro conservam a cabeça: duas de Outeiro Lezenho (Boticas); uma de Capeludos (Vila Pouca de Aguiar) e uma outra de Sanfins

---

<sup>1</sup> As fotografias foram efectuadas por Manuel Santos do Museu D. Diogo de Sousa, Braga. Agradecemos ao arquitecto Nuno Meira as facilidades concedidas no estudo deste espólio.

<sup>2</sup> Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, Av. Central, 39, 4710 Braga. Email: anabett@ci.uminho.pt

<sup>3</sup> Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais da Universidade dos Açores, R. Mãe de Deus, 9500 Ponta Delgada. Email: lena@alf.uac.pt

<sup>4</sup> Trata-se da oficina de Fernando Simão & Filhos Ld<sup>a</sup> situada na Av. da Imaculada Conceição, nº 545. As peças permaneceram no local durante vários anos até que foram oferecidas ao Arquitecto Nuno Meira, que as tem em depósito no seu gabinete da R. dos Biscainhos, nº 37, 1º, Braga. Ao Sr. José Pereira Fraga, funcionário da citada oficina, desejamos agradecer todas as informações prestadas.

(Paços de Ferreira) (SILVA 1986, 305, 308, 309, est. CXX-1 e 2, CXXIII-3 e 4). A semelhança da cabeça que publicamos com as de Outeiro Lezenho leva-nos a incluí-la, embora com reservas, naquele grupo escultórico.

## 2. DESCRIÇÃO DAS PEÇAS

### 2.1. ESTÁTUA SEDENTE

Corpo de uma estátua sedente, em granito fino de duas micas, colocada numa base sensivelmente quadrangular. A figura encontra-se sentada numa cadeira sem braços, com espaldar de secção quadrangular, terminando em molduras torneadas, lisas, demarcadas por um sulco. Na face posterior, as pernas da cadeira, também de secção quadrangular, terminam por um espessamento na base. Na parte dianteira, são compostas por uma zona superior, mais espessa e uma inferior, mais fina, dispostas obliquamente em relação ao assento e terminando em pés de morfologia zoomórfica, bem definidos por um sulco, que nos lembram cascos de cavalos.

A figura veste um saio sem indicação nítida de mangas. Os braços são bem modelados e musculados. O direito está dobrado e a mão devia repousar no peito, embora se encontre fracturada nesse local. Um pequeno ressalto na zona do pulso poderá indiciar um adorno que não podemos identificar. O braço esquerdo, também flectido, segura um vaso, assente sobre o colo. Este recipiente, de tipo potinho, tem um bordo esvasado, o colo curto e a pança ovóide. Os quatro dedos das mãos estão modelados. As pernas, dobradas em ângulo recto, encontram-se afastadas deixando ver um falo. Os pés contrastam com o resto da estátua sendo representados de forma grosseira, com dedos pouco modelados, definidos apenas por incisões (Ests. IV e V).

Apesar de bem conservada, esta peça está fracturada na parte superior o que não permite conhecer pormenores do colo e do pescoço. Está também danificada na face esquerda, bem como na zona posterior onde foi aberto um sulco, no sentido longitudinal, para aplicação de um tubo metálico em ferro, cujos vestígios ainda se observam nalgumas zonas (Est. VI).

Dimensões: Alt. máxima – 77cm  
Larg. máxima lateral – 40,5cm  
Larg. máxima frontal – 43,5cm  
Larg. lateral da base – 50cm

Trata-se de uma estátua sedente que podemos incluir num grupo constituído por outras três peças aparecidas no Noroeste Peninsular: duas em Xinzo de Limia (Ourense) (FERRO COUSELO, 1972: 329-335) e uma outra, de menores dimensões, encontrada no Castro de Lanhoso (Póvoa de Lanhoso)<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> A estátua deste povoado é, contrariamente às restantes, de pequenas dimensões: 20cm de altura (SILVA, 1986, 310, est. CXXV-2). As de Xinzo de Limia medem 68 e 71cm de altura (FERRO COUSELO 1972, 329).

## 2.2. CABEÇA DE ESTÁTUA

Trata-se de uma cabeça de granito de grão fino, de duas micas, habilmente esculpida (Est. VII). O rosto, proporcionado e bem modelado, foi destruído na zona inferior. Os olhos, ovalados, são bem definidos por um contorno incisivo e o nariz, ligeiramente em aresta, apresenta os dois orifícios nasais. A testa, em relevo, ajuda a definir as linhas das sobrancelhas. As orelhas, talvez o elemento mais desproporcionado em relação ao todo, são em relevo, bem definidas e grandes. Em cada uma delas está representado o buraco auditivo e apresentam algumas fracturas pontuais. Não há indícios de barba nas faces laterais. A cabeça apresenta uma indicação muito clara do cabelo ou de um capacete, com um traço em relevo bem marcado que deixa livres as orelhas. Apenas nesta zona ocorre polimento do granito, o que nos parece testemunho de um acabamento intencionalmente mais cuidado (Ests. VII e VIII).

Apesar de ter sido encontrada em associação com a estátua sedente, servindo-lhe de cabeça e reaproveitada como boca de fontanário, trata-se de peça independente, pelas razões já apresentadas anteriormente.

Dimensões: Alt. – 25,5cm  
Larg. máxima – 24cm  
Diâm. da cabeça – 62cm  
Comp. das orelhas no seu eixo maior – 11cm  
Comp. dos olhos – 4,3cm  
Comp. do nariz – 6cm

Importa, agora, equacionar a integração desta cabeça no grupo escultórico dos guerreiros galaicos.

Embora com as reservas que obrigatoriamente decorrem da inexistência de corpo e da descontextualização do achado, as semelhanças observadas entre a peça aqui estudada e as cabeças das estátuas de Outeiro Lezenho (Boticas) permitem-nos incluí-la no grupo da estatuária dos guerreiros galaicos. Para além de dimensões sensivelmente idênticas<sup>6</sup>, as estátuas de Outeiro Lezenho apresentam outras afinidades formais com o exemplar em estudo, nomeadamente no modelado dos traços do rosto e da cabeça ou ainda na forma da testa e das orelhas.

## 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Importa, finalmente, considerar os dados disponíveis relativos à funcionalidade, cronologia e contexto destes achados.

Relativamente à estátua sedente um dos problemas deriva do facto de todos os exemplares terem chegado até aos nossos dias sem cabeça o que tem dificultado a sua interpretação. As hipóteses formuladas em relação à sua funcionalidade foram muito variadas: divindades,

---

<sup>6</sup> A peça nº 545 tem de altura da cabeça 37cm e de largura 23cm; a nº 546 mede 34cm de altura da cabeça e 22cm de largura (SILVA 1986, nºs 545 e 546, 305, est. CXX-1 e 2).

deusas-mães, oferentes, estátuas funerárias, entre outras. Uma das questões básicas consistia em saber se se tratava de representações femininas ou masculinas. Em 1977, Rodríguez Colmenero (CALO LOURIDO, 1994: 695) defendeu que as estátuas portadoras de vasos poderiam ser masculinas e as restantes femininas, interpretando-as como deusas-mães, oferentes ou mesmo divindades com afinidades no mundo ibérico. Para Armando Coelho da Silva (1986: 298) estaríamos perante representações femininas, relacionadas com a veneração da terra-mãe e associadas ao culto dos mortos<sup>7</sup>. Recentemente, Calo Lourido (1994: 697-699) sustentou a ideia de que as peças fossem masculinas com uma funcionalidade funerária ligada ao ritual da incineração. Tal interpretação baseia-se no facto das estátuas sedentes serem procedentes do Mediterrâneo e aí se ligarem, muitas vezes, a contextos funerários. Este argumento levou-o, nomeadamente, a considerar a cavidade existente na base da estátua da Póvoa de Lanhoso como indício daquele ritual.

A representação de um falo na estátua encontrada em Braga permite interpretar as peças como figuras masculinas, pelo menos aquelas que são portadoras de vasos.

Embora não estejamos na posse de novos elementos que permitam partilhar uma das muitas hipóteses formuladas pelos investigadores em relação à funcionalidade destes achados importa salientar a figuração de patas de cavalo na peça em estudo. Se o significado deste atributo é polissémico, não podemos deixar de pensar na sua frequente associação à guerra e à caça<sup>8</sup> e, por consequência, ao elemento masculino, o que, a comprovar-se em futuros achados, poderá questionar a hipótese que associa estas estátuas a deusas-mães ou a qualquer outra representação feminina.

As peças têm sido, para além disso, incluídas pela maioria dos investigadores na chamada “plástica castreja”, atendendo aos objectos de adorno e a outros elementos iconográficos, embora Acuña Castroviejo em 1983 (CALO LOURIDO, 1994: 695) atribua as estátuas sedentes à “plástica romana provincial da Galiza”.

A semelhança do exemplar encontrado em Braga com os encontrados em Lanhoso e Xinzo de Limia permite colocar a hipótese de serem coevas. Se a peça de Lanhoso foi encontrada na encosta Este de um povoado fortificado, em contexto aparentemente “doméstico”<sup>9</sup> e em níveis de romanização sobrepostos a uma ocupação dos finais da Idade do Bronze<sup>10</sup>, já as duas estátuas de Xinzo de Limia foram detectadas num contexto de vale, numa parede de um recinto romano, a 2m de profundidade<sup>11</sup>. O facto de aparecerem inseridas num muro e em mau estado de

<sup>7</sup> A. C. SILVA (1986, 298) justifica desta forma a associação: “...atendendo às representações congêneres dos seus protótipos meridionais, como a dama de Baza ou de Cerro de los Santos, com evidências arqueológicas de relação ao culto funerário, assim consubstanciando o culto dos mortos com o da “terra mãe” invocando mais esta associação entre a maternidade e a prosperidade um aspecto natural da terceira função na religião castreja.”

<sup>8</sup> Estrabão refere, na sua Geografia III, que os cavalos eram frequentemente destinados a sacrifícios ligados ao deus da guerra e Plínio afirma que os cavalos galegos eram utilizados na caça e na guerra (SILVA 1986, 112-113). Estas duas actividades parecem associar-se ao elemento masculino das sociedades proto-históricas, pois são frequentes as referências a guerreiros por parte dos escritores clássicos. Também na arte rupestre do Norte de Portugal são várias as figurações de cavalos montados por homens e associados a armas ou cenas de caça (BAPTISTA 1986).

<sup>9</sup> Segundo Carlos Teixeira (1939, 125) a estátua teria sido encontrada “Cerca de 50m distante dos primeiros restos de casas...”.

<sup>10</sup> Ver artigo sobre o Castro de Lanhoso de A. M. S. Bettencourt (1993/1994, neste volume).

<sup>11</sup> Na zona recolheu-se *tegulae* em grande quantidade, *imbrice* e *terra sigillata*. Muito perto do recinto escavado encontraram-se pavimentos de pedra miúda que fizeram pensar num hipocausto. A poucos metros encontrou-se um

conservação leva-nos a concordar com os vários autores que as consideram reaproveitadas<sup>12</sup>, pelo que não podemos excluir a hipótese de terem sido deslocadas de povoados fortificados da região. Fariña Busto (CALO LOURIDO, 1994: 649) faz notar que o *habitat* romano onde foram encontradas se localiza numa área com profusão de vestígios indígenas, o que pode abonar em favor desta hipótese.

Pensamos que o mesmo se poderá ter verificado com a estátua detectada em Braga.

A circunstância de não podermos assegurar a existência de um *oppidum* anterior à criação de *Bracara Augusta*, por falta de dados arqueológicos que o comprovem (MARTINS, 1990: 219, 220), leva-nos a sugerir que ambas as peças em estudo tenham sido deslocadas de um dos *oppida* que circundavam a cidade, em época indeterminada.

A inclusão das estátuas sedentes na denominada “plástica castreja” parece-nos pertinente, tanto mais que muitos dos atributos iconográficos destas peças as aparentam às estátuas dos guerreiros galaicos<sup>13</sup>, pelo que a sua cronologia poderá ser idêntica.

Assim, aceitando o séc. I d.C. como datação para os paralelos mais próximos da cabeça de guerreiro aqui estudada (CALO LOURIDO, 1994: 672) talvez possamos admitir a mesma cronologia para ambos os achados de Braga.

## BIBLIOGRAFIA

- BAPTISTA, A. M. (1986). Arte rupestre pós-glaciária. Esquematismo e abstracção, J. Alarcão (dir.) *História da Arte em Portugal. Do paleolítico à arte visigótica*, Ed. Alfa, Lisboa, vol. 1, pp. 30-55.
- CALO LOURIDO, F. (1993). *A cultura castrexa*, Ed. A Nosa Terra, Vigo.
- (1994). *A plástica da cultura castrexa galego-portuguesa*, Ed. Fundación Pedro Barrié de la Maza, Corunha.
- CARDOZO, M. (1935). *Catálogo do Museu Martins Sarmiento, 1ª parte: secção lapidária e de escultura*, Ed. Sociedade Martins Sarmiento, Guimarães.
- FERRO COUSELO, J. (1972). Estatuas sedentes y una columna miliaria de Xinzo de Limia, *Boletín Auriense*, Orense, 2, pp. 329-335.
- (1974). Guia abreviada del Museo Arqueológico y de Bellas Artes de Orense, *Boletín Auriense*, Orense, 4, pp. 199-237.
- LENERZ-DE-WILDE, M. (1993). Sculptures anthropomorphes du 2e Âge du Fer sur la Péninsule Ibérique, J. Briard & A. Duval (dir.) *Les représentations humaines du néolithique à l'âge du fer*, Ed. CTHS, Paris, pp. 239-252.
- MARTINS, M. (1990). *O povoamento proto-histórico e a romanização da bacia do curso médio do Cávado*, Cadernos de Arqueologia – Monografias 5, Braga.
- PEÑA SANTOS, A. (1992). *Castro de Toroso (Mos, Pontevedra). Síntesis de las memoria de las campañas de excavaciones 1984-1990*, Arqueoloxía/ Memorias 11, Ed. Xunta de Galicia, Corunha.
- SILVA, A. C. F. (1986). *A cultura castreja no Noroeste Português*, Ed. do Museu Monográfico de Sanfins, Paços de Ferreira.
- TEIXEIRA, C. (1939). Notas arqueológicas sobre o castro de Lanhoso, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Porto, 9 (1-2), pp. 117-125.

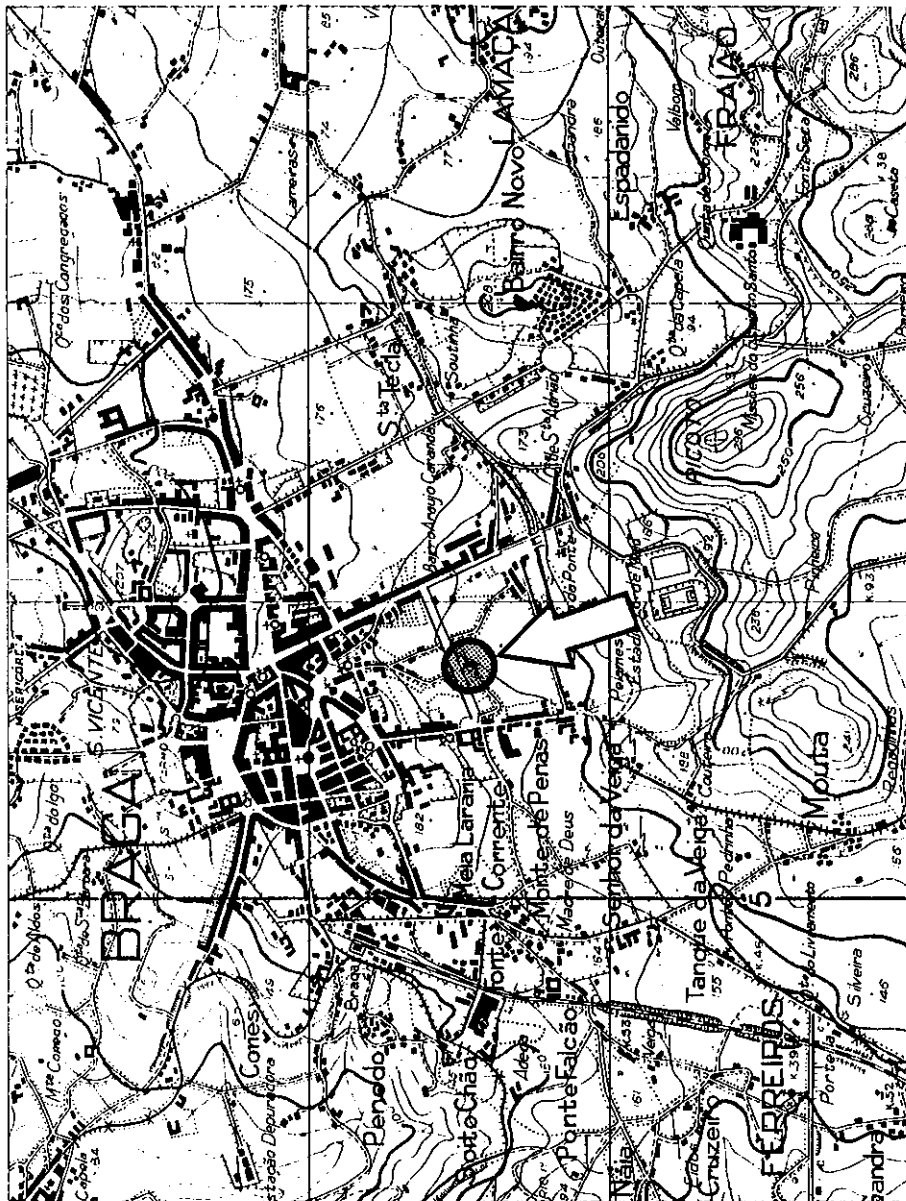
---

miliário de Galério, do séc. IV d.C. e ainda uma ara dedicada a REVE cuja cronologia parece ser o séc. I d.C. (CALO LOURIDO 1994, 649; FERRO COUSELO 1977, 329-333).

<sup>12</sup> Sobre este assunto consultar Calo Lourido (1994, 649).

<sup>13</sup> Uma das figuras de Xinzo de Limia apresenta um torques e ambas têm braceletes, facto que tem levado a aparentá-las com a estatuária dos guerreiros galaicos.



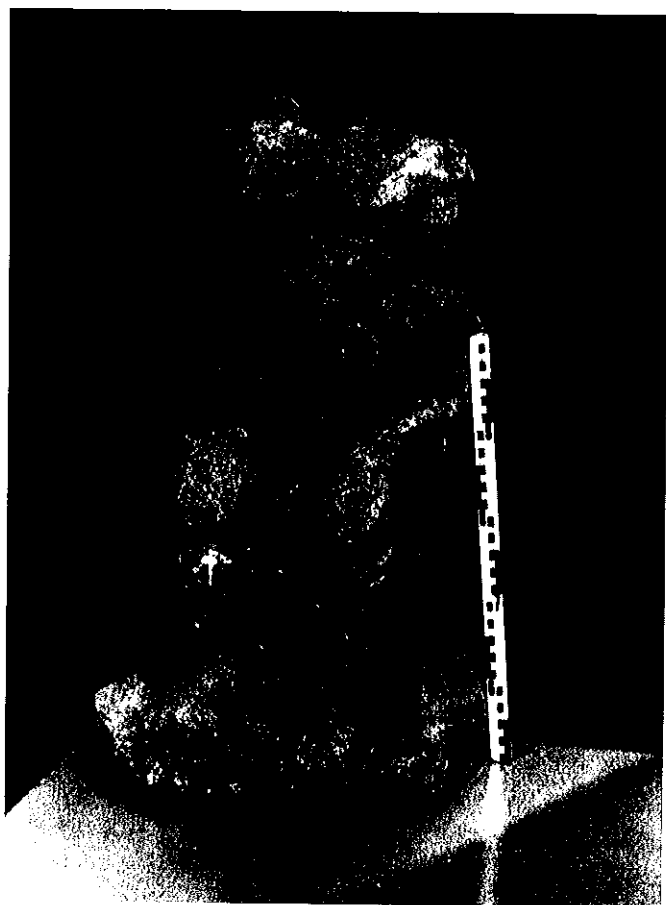


Localização dos achados na C. M. P., esc. 1:25 000.



Estátua sedente e cabeça de guerreiro tal como foram encontradas. Observe-se a diferença de diâmetro entre as zonas de encaixe das duas peças.



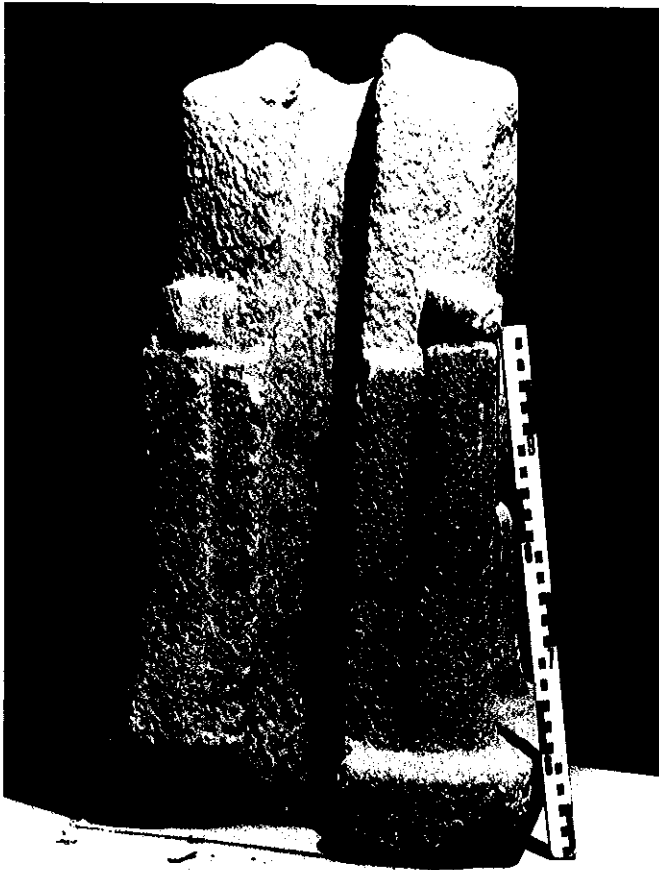


Estátua sedente.

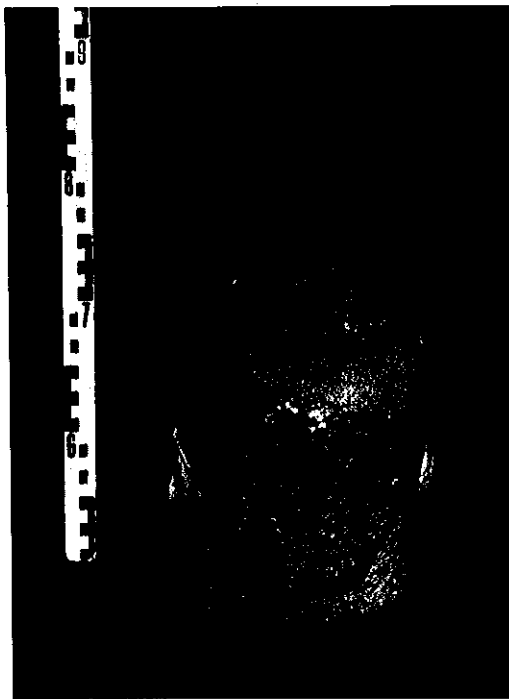
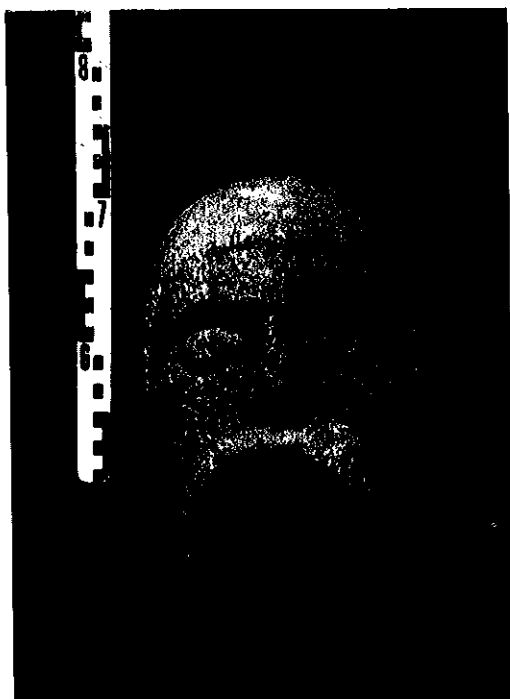
Est. V

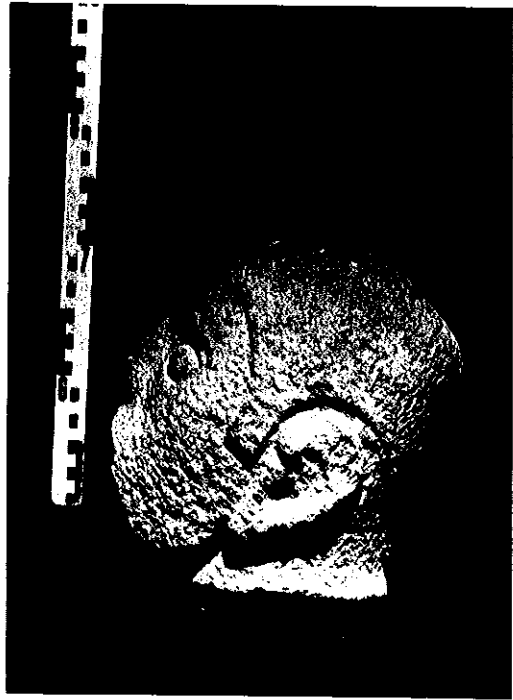


Estátua sedente.



Estátua sedente: face posterior danificada por um sulco.





Cabeça de guerreiro.